

LÍNGUA EM FOCO: UMA REFLEXÃO SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO

Ygo Magalhães Almeida ¹
Marcelo Medeiros da Silva ²

RESUMO

Este relato tem por objetivo refletir acerca de algumas atividades desenvolvidas por um professor em formação no Programa de Residência Pedagógica do curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa, do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). As atividades foram desenvolvidas na ECIT José Leite de Sousa localizada na cidade de Monteiro- PB, por três residentes que compuseram uma equipe de atuação mediados por uma preceptora e por um coordenador de área. A Atividade aqui relatada diz respeito a uma sequência didática aplicada, tendo como eixo central o trato sobre a variação linguística envolvendo a Língua Portuguesa em contexto educacional brasileiro. A sequência didática teve como base a obra de Marcos Bagno intitulada *A Língua de Eulália*, utilizando esse mesmo autor como aporte teórico para o encaminhamento da discussão sobre variação linguística e preconceito linguístico. Com isso, conseguimos perceber o quão complexo é o estudo da Língua Portuguesa quando se trata da temática supracitada, tornado essa discussão necessária a fim de que nosso alunado consiga problematizar os preconceitos linguísticos que se formam diante de variações consideradas como não padrões.

Palavras Chaves: Variação Linguística; Preconceito Linguístico; Residência Pedagógica; Formação Docente.

INTRODUÇÃO

As atividades que aqui serão relatadas, fazem parte da atuação de um professor em formação do curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, durante a vigência do projeto de formação docente intitulado Residência Pedagógica, que se trata de um projeto que tem por objetivo, inserir o graduando nas realidades escolares que futuramente atuará. Segundo o Ministério da Educação (MEC) a Residência Pedagógica faz parte da modernização do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) objetivando assim, a melhoria na qualidade da formação dos futuros professores.

¹ Graduando do Curso de letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, ygomagalhaes241@email.com;

² Professor orientador: Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e docente da Universidade Estadual da Paraíba, onde atua no curso de Letras do campus VI no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), ambos no campus I; e-mail:marcelomedeiros@servidor.uepb.edu.br.



Nosso intuito é relatar uma experiência vivenciada durante a vigência desse projeto no ano de 2023. As intervenções ocorreram em uma escola pública na cidade Monteiro- Paraíba, em uma turma do primeiro ano “F” do Ensino Médio. A experiência diz respeito a uma sequência didática que teve como eixo norteador a variação linguística, mediante o trabalho com a obra de Marcos Bagno, intitulada *A Língua de Eulália*. A sequência era composta por nove aulas de leitura e interpretação textual e, ao final, a aplicação de um simulado em preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A aplicação da sequência didática ocorreu mediante o planejamento prévio, com o auxílio da preceptora, (que é a professora titular da turma em questão) das atividades que viriam a serem trabalhadas. Desenvolveu-se assim, ações pedagógicas que buscaram refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa em território brasileiro, levando em consideração a ideia variação linguística e preconceito linguístico.

Ao final dessa experiência, pode-se perceber a importância que devemos dar ao estudo das distintas manifestações – variações linguísticas – que uma língua pode apresentar, a fim de problematizar os preconceitos que se criam diante de determinadas variantes tidas como não padrão, destacando que quando se trata sobre a variação linguística, não existe uma forma linguística certa ou errada, mas sim variantes que a depender do contexto comunicativo, são adequadas ou não.

Conversas com Eulália na sala de aula: uma reflexão sobre variação linguística e ensino

Como dito anteriormente, esse relato busca evidenciar as atividades desenvolvidas durante a vigência do projeto Residência Pedagógica. As intervenções aconteceram na escola José Leite de Sousa na cidade de Monteiro- Paraíba, na turma do primeiro ano “F” do ensino médio. As + atividades foram planejadas previamente a partir da elaboração de uma sequência didática que teve ao todo por nove aulas em torno da temática da variação linguística a partir da leitura dos três primeiros capítulos da obra *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno, a saber: “A chegada”, “Quem ri do quê?” e “Que língua é essa?”.

Logo após as leituras propostas para o início das primeiras aulas, foram feitas algumas questões de cunho interpretativo para averiguar o que os alunos tinham entendido até aquele momento. Vale destacar que as atividades nessa sequência foram divididas entre leitura e logo em seguida eram feitas uma pausa para reflexão e debates das temáticas que cada capítulo abordava.

No primeiro momento da primeira aula, o professor explicou aos alunos que para as próximas aulas a temática a ser trabalhada era a variação linguística, mediante a leitura dos três primeiros capítulos da obra de Marcos Bagno.

No segundo momento da primeira aula, além ter feito um resumo da obra *A língua de Eulália*, e uma ligeira apresentação do seu autor, foi trabalhado o primeiro capítulo da obra intitulado “A chegada”, esse capítulo nos permitiu ter uma visão mais geral da obra tais como, compreensão dos personagens, espaço e enredo.

Foi logo após a leitura do segundo capítulo (Quem ri do que) já no terceiro momento da primeira aula, que foi possível introduzir as temáticas propostas e a primeira dela foi a heterogeneidade do português brasileiro. Nesse momento, foi possível trabalhar com nosso aluno a ideia de que o português em contexto brasileiro pode apresentar distintas formas, pelo fato de uma grande quantidade de falantes em distintas realidades comunicativas.

Para ilustrar essa temática, o professor apresentou algumas palavras que encontramos em nossa língua oriundas de outros idiomas, das quais podemos citar: Shopping (do inglês); Show (do inglês); Videogame (do inglês); Batom (do francês bâton) etc. Com isso, os alunos começaram a perceber que a Língua Portuguesa recebeu (e ainda recebe) influências de outros povos e suas respectivas culturas, e isso contribuiu para consolidação de um sistema linguístico amplo e multifacetado. Foi abordado pelo professor em formação, que no Brasil há um mito de unidade linguística a partir do qual, se pensa que no Brasil a Língua Portuguesa apresenta-se de forma homogênea (Mito da Língua Única) enquanto a isso, Marcos Bagno afirma:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO, 1999, p. 15)

Então, percebemos que não é de hoje que estamos pensando sobre a heterogeneidade do português, tampouco sobre os malefícios que a criação do mito da língua única pode gerar. Uma discussão que já vem mostrando que quando se trata do estudo da língua muitas questões devem ser levadas em consideração. Além disso, o tópico intitulado “Toda língua muda”, ainda do segundo capítulo, trabalhado na segunda aula, serviu de base para que os alunos entendessem que a língua muda ao longo do tempo, à medida que a forma linguística que se falava a 400 ou 300 anos atrás não é a mesma nos dias de hoje. +Já na terceira aula, em seu primeiro momento, foi trabalhado pelo residente uma tirinha de Fernando Gonsales.



Fonte: <https://diogoprofessor.blogspot.com/2016/11/atividade-sobre-variedades-linguisticas.html?m=1>

Na tirinha notamos que a mulher busca devolver o papagaio que havia adquirido porque segundo ela “falava tudo errado”. O professor destacou que o papagaio não falava necessariamente errado, mas sim, de acordo com o contexto que estava inserido, ou seja, o animal era reflexo do seu antigo dono, ambos apresentavam as mesmas características linguísticas, como podemos perceber com a leitura do último quadrinho quando o homem indaga “Argum pobrema?” Algo que para a mulher era um erro.

Com isso, foi possível introduzir a conceituação de Variação Linguística, destacando que, uma mesma língua pode apresentar diferenças e essas diferenças podem ocorrer de acordo com alguns fatores, tais como, os geográficos (Variação Diatópica ou Regional) históricos (Variação Diacrônica) socioculturais (Variação Diastrática) e estilística (Variação Diafásica).

Para exemplificar os tipos de variação, o professor utilizou um mapa mental, e à medida que ia explicando cada tipo, ia apresentando alguns exemplos, como também, sanando possíveis dúvidas que surgiam.



Fonte: Autor

Na quarta aula, o professor continuou a leitura do capítulo “Que língua é essa” da obra em questão, sendo que nesse momento foram trabalhados os seguintes tópicos, “História da norma-padrão”, “Que é o português não-padrão”, e “Quem fala o PNP”. Logo após a leitura, o professor perguntou aos alunos o que eles conseguiram compreender durante a leitura, como também, se eles já tinham ouvido falar na ideia de norma-padrão da língua portuguesa, o

professor destacou que as variantes que fogem do padrão, são consideradas como informais, e por esse motivo, tais variantes são desprestigiadas e muitas vezes ridicularizadas.

Um ponto muito importante abordado a partir disso, foi a questão do “erro” linguístico e conseqüentemente o preconceito linguístico que se formam diante dessa temática. Nesse momento, percebido que essa temática ainda gera polêmica, uma vez que, para muitas pessoas, toda variante que não é reconhecida como padrão é vista como um erro linguístico. Isso gera muitas vezes o preconceito linguístico, o qual, como bem destaca BERALDO (2023) “[...] deriva da construção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como “erro” e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo.”

Quando se trata desse assunto, Bagno (1999) destaca:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito nº 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropeada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 1999, p.40)

Nesse sentido, a língua que é ensinada nas escolas torna-se a que é tomada como prestígio social, muitas vezes, tomada por uma elite que a impõe e que não necessariamente é a língua que os alunos trazem em sua bagagem cultural.

Já na quinta aula, para exemplificar a temática do preconceito linguístico, o professor começou a aula apresentando uma charge de Chico Bento. Nela a professora reprovou veemente Chico Bento devido a sua forma de falar “Quar são minhas nota”, segundo ela, seu castigo seria voltar no outro dia falando o português “fino”, ou seja, o de prestígio social.

Vale destacar que nosso intuito não é abolir as formas tidas como cultas e padrão da Língua Portuguesa e dizer que são desnecessárias, mas sim focar que, dentro do estudo da língua, todas as variantes são válidas e que estas podem ou não estar adequadas a determinados contextos comunicativos. Logo em seguida, o professor trabalhou com os alunos um vídeo de Bráulio Bessa que enfocava também a questão do preconceito linguístico.



Fonte: (<<https://youtu.be/npErlIDE1xg>).

Tanto a charge quanto o vídeo nos permitiram refletir sobre os malefícios do preconceito linguístico. Os alunos começaram a entender o porquê de o português em contexto brasileiro ser uma língua heterogênea, e não um objeto fechado em si mesma. Nas suas falas, os alunos destacavam que, a depender do lugar em que o indivíduo está inserido, a língua sofre modificações. Isso, de certa forma, comunga com o que destaca Bagno (1999), pois, segundo ele, cada indivíduo é um elemento que promove essa variação, com isso, devemos pensar cada pessoa mediante as realidades sociais que cada qual está inserido.

No início da sexta aula foi feita uma pequena revisão do que havia sido trabalhado na aula anterior. Logo em seguida foram lidos junto com os alunos, os seguintes tópicos: “*O livro Irene*”, “*O erro e o outro*”, “*Erro comum ou acerto comum*”. Nesse momento, com essas leituras, os alunos já conseguiam compreender que a Língua Portuguesa apresenta diferentes formas. A dita Forma-Padrão, por mais que seja considerada a de prestígio, não pode ser considerada como única possibilidade. Foi possível trabalhar também com os alunos a necessidade de pensarmos a língua mediante as variantes tidas como Não-Padrão, pois para muitas pessoas, é a única absorvida, e estas realidades não-padrão, em muitos casos são as que são estigmatizadas.

Com isso, já na sétima aula, com as leituras dos tópicos, “*Características do PNP*”, *PP e PNP, mais semelhanças do que diferenças*”, “*Do latim vulgar ao português não-padrão*”, se encaminharam para a consolidação das impressões que foram adquiridas ao logo do processo, quando se trata das influências que outras línguas exerceram na formação da Língua Portuguesa em contexto brasileiro.

Logo após a leitura dos tópicos, o professor explicou de maneira mais detalhada com ajuda de um o quadro compondo as semelhanças e diferenças entre o português padrão e não-

padrão, esse quadro está presente na obra foi exposto no momento do diálogo entre os personagens.

<i>português não-padrão</i>	<i>português padrão</i>
<i>natural</i>	<i>artificial</i>
<i>transmitido</i>	<i>adquirido</i>
<i>aprendido</i>	<i>aprendido</i>
<i>funcional</i>	<i>redundante</i>
<i>inovador</i>	<i>conservador</i>
<i>tradição oral</i>	<i>tradição escrita</i>
<i>estigmatizado</i>	<i>prestigiado</i>
<i>marginal</i>	<i>oficial</i>
<i>tendências livres</i>	<i>tendências refreadas</i>
<i>falado pelas classes dominadas</i>	<i>falado pelas classes dominantes</i>

Fonte: Retirado do livro *A língua de Eulália*, de Marcos Bagno.

Com isso, foi possível destacar essas características que envolvem essas duas temáticas. Já em se tratando do último tópico lido na aula (Do Latim Vulgar ao português não-padrão) o professor destacou as influências da língua latina na formação do Português, uma vez que a ramificação dessa língua originou a criação de várias línguas a exemplo da nossa.

Na oitava e nona aula, foi aplicado um simulado com questões com enfoque no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) além de preparar os alunos para esse importante exame avaliador, essa atividade serviu para fazer um momento de revisão sobre várias temáticas abordadas durante a execução dessa sequência didática. A correção desse simulado se deu em conjunto entre o professor e os alunos afim de sanar possíveis dúvidas que fossem surgindo.

CONCLUSÃO

Ao final do conjunto de aulas que integraram essa experiência, pode-se perceber que desmistificar o mito da língua única que envolve os falantes do português brasileiro não é uma tarefa fácil a se fazer, porém, muito necessária. Foi possível trabalhar a ideia de “erro” que ainda paira quando se trata em falar ou escrever, enfatizando que, dentro do viés linguístico, a língua pode apresentar variação a partir do contexto social no qual cada falante está inserido.

Ainda que de forma inicial, acreditou-se que conseguimos ampliar o olhar crítico dos alunos sobre a diversidade linguística que envolve o português em contexto brasileiro, ainda que a temática da variação linguística seja amplamente debatida nos dias de hoje. Por isso, se

faz necessário enfatizar a importância dessa temática no processo de ensino aprendizagem, algo que foi bem recebido pelos alunos durante as aulas.

Por fim, a execução dessa sequência nos possibilitou refletir sobre as peculiaridades que envolvem o estudo de uma determinada língua. Como também, o estudo sobre a obra de Marcos Bagno, mesmo que não trabalhada integralmente, nos ajudou a pensar a língua portuguesa mediante um viés multifacetado. Assim, toda essa experiência contribuiu de forma significativa para minha formação, pois permitiu pensar a língua para além dos muros da escola e pensá-la como uma ferramenta de construção e reconstrução social.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália- Novela Sociolinguística**. São Paulo. Editora Contexto, 2006.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BERALDO, Jairo. **Preconceito Linguístico**; Brasil Escola. Disponível em:

<<https://brasilecola.uol.com.br/portugues/preconceito-linguistico.htm>>. Acesso em 25 de janeiro de 2024.